

Edição Comemorativa do Bicentenário do Café (1927): as vinhetas neomarajoaras para a publicação especial em O Jornal

Patrícia Bueno Godoy¹

 0000-0002-2696-7370

Como citar:

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 15, 2021, virtual. **Atas do XV Encontro de História da Arte.** Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 15, 2021.

DOI: 10.20396/eha.15.2021.4687

Resumo

O presente estudo examina a participação de quatro artistas na Edição Comemorativa do Bicentenário do Café, publicação especial lançada pelo periódico fluminense O Jornal, em outubro de 1927. Coordenados por Frederico Barata, esses artistas ficaram encarregados da execução das vinhetas, quase todas influenciadas pelo revivalismo da cerâmica arqueológica brasileira, especialmente pela cultura Marajoara.

Palavras-chave: Neomarajoara. Theodoro Braga. Fernando Correia Dias. Raymundo Porciúncula de Moraes. Manoel de Castro Silva.

¹ Doutora em História, docente em História da Arte e da Imagem na Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás.

Lançando a edição do café, O JORNAL tentou, pela primeira vez, na imprensa cotidiana do Brasil, aliar o gosto do artista ao labor do jornalista².

Com essas palavras, o jornalista Francisco de Assis Chateaubriand descreveu o aspecto geral da *Edição Comemorativa do Bicentenário do Café*, lançada pelo periódico fluminense *O Jornal*, em 15 de outubro de 1927. Projetada pela diretoria do periódico, composta pelos jornalistas Assis Chateaubriand e Gabriel Loureiro Bernardes, a edição levou cerca de um ano para ser produzida. Concebida artisticamente e estampada em papel de qualidade, foram impressos sessenta e cinco mil exemplares que, sob a coordenação de Assis Chateaubriand, agregou um conteúdo de grande interesse para o cultivo e defesa da atividade cafeeira no Brasil.

O gosto artístico da edição comemorativa foi estabelecido pelo jornalista Frederico Barata. Designado para conduzir a direção artística da publicação, coordenou o aspecto visual das 192 páginas. O resultado foi uma edição amplamente ilustrada por um seleto corpo de artistas, convocado para ilustrar artigos, ensaios, anúncios publicitários e seções literárias. Acostumados a atuarem em diversas áreas – pintura, desenho, cenografia, artes gráficas e artes decorativas – esses mestres do traço aderiram a um projeto artístico audacioso, que contou com a colaboração de um artista consagrado como Eliseu Visconti, autor da majestosa capa principal [Figura 1]³.

Não menos importantes, realizaram ilustrações para a edição os artistas, Henrique Cavalleiro, Manoel Santiago, Marques Júnior, Di Cavalcanti, João Timótheo da Costa, Lasar Segall e Wasth Rodrigues. Além das ilustrações, foram incorporadas à edição belíssimas vinhetas, especialmente criadas para *O Jornal*. Os motivos ornamentais empregados transitam entre o abstrato e o figurativo, ora inspirados pela arte da cerâmica arqueológica brasileira, ora pela flora e fauna. O tema do café é recorrente, as ramadas e os grãos dessa planta são apresentados em meio aos motivos abstratos, fazendo conexão direta com o tema da publicação. As vinhetas, inspiradas em temas nacionais, foram realizadas pelos artistas Theodoro Braga, Fernando Correia Dias, Raymundo Porciúncula de Moraes e Manoel de Castro Silva.

Desde o início, a idealização da *Edição Comemorativa do Bicentenário do Café* esteve alinhada aos grandes eventos que vinham sendo organizados no estado de São Paulo, a Exposição Comemorativa do Segundo Centenário da Introdução do Cafeeiro no Brasil e o Congresso do Café, ambos inaugurados no Palácio das Indústrias, em 12 de outubro de 1927. A Exposição e o Congresso foram concebidos por um

² CHATEAUBRIAND, Assis. O termo de uma jornada. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 15 out. 1927. p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_02/34336. Acesso em: 26 jul. 2021.

³ *O Jornal*: Edição Comemorativa do Bicentenário do Café. Rio de Janeiro, 15 out. 1927. Doze seções, 184 páginas. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_02/34351. Acesso em: 26 jul. 2021.

grupo de agrônomos e lavradores de São Paulo, auxiliados pelo governo paulista que lhes proporcionou os recursos necessários para a realização dos eventos. Estes, contaram com representações de vários estados brasileiros e, ao longo de dois meses, “foram apresentadas, discutidas e aprovadas, importantes teses sobre o crédito agrícola, fomento agrícola, colonização, comércio e higiene rural”⁴.

O conteúdo da *Edição Comemorativa do Bicentenário do Café* acolheu os autores e os temas apresentados nos eventos paulistas. Foi Assis Chateaubriand quem buscou a cooperação de especialistas e personalidades públicas para enriquecerem as páginas daquela edição. O jornalista esteve pessoalmente em São Paulo onde visitou e trocou ideias com os membros da comissão organizadora da exposição do café. Dessas conversas, resolveu acolher principalmente os temas que abordassem os problemas relativos à cultura, ao comércio e a tributação do café.

No Rio de Janeiro, além do *O Jornal*, outro veículo da imprensa colaborou com a difusão dos temas tratados nas celebrações paulistas. A revista *Ilustração Brasileira* foi o órgão oficial da Comissão Central Comemorativa do Segundo Centenário do Café, e também dedicou uma edição exclusiva ao evento⁵. Relevante dizer que, naqueles anos, esses dois veículos da imprensa fluminense expressavam em termos técnicos e empresariais, as aspirações modernas do jornalismo brasileiro⁶.

Para além de São Paulo e Rio de Janeiro, outros estados também se manifestaram sobre a importância da comemoração do segundo centenário da introdução do cafeeiro no Brasil, especialmente, aqueles que eram produtores da planta. Para as festividades enviaram suas delegações acompanhadas dos produtos a serem apresentados na exposição do café.

Sobre o bicentenário, era recorrente na imprensa do país a citação de um personagem, o Sargento-mor Francisco de Mello Palheta, o introdutor das primeiras mudas e grãos da rubiácea no Brasil. Trata-se de uma longa história, não isenta de controvérsias. Theodoro Braga, artista e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, até tentou detalhar essa saga na edição especial da revista *Ilustração Brasileira*. Amparado por documentos depositados nos arquivos da cidade de Belém, buscou na sua investigação responder à seguinte questão: “Teria sido Francisco de Mello Palheta a pessoa que trouxe de Cayenna as sementes de ‘café capaz de nascer?’”⁷. A história protagonizada por um paraense,

⁴ MENSAGEM Apresentada ao Congresso Legislativo. São Paulo, 14 jul. 1928, p. 75-76. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/873489/3211>. Acesso em: 30 jul. 2021.

⁵ *Ilustração Brasileira*. Rio de Janeiro, n. 85, Setembro de 1927. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/107468/11468>. Acesso em: 02 ago. 2021.

⁶ PITA, Almir. Rio de Janeiro, história econômica e imprensa no Bicentenário do Café em 1927. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/337801246_RIO_DE_JANEIRO_HISTORIA_ECONOMICA_E_IMPRENSA_NO_BICENTENARIO_DO_CAFE_EM_1927. Acesso em: 2 ago. 2021.

⁷ BRAGA, Theodoro. Francisco de Mello Palheta. *Ilustração Brasileira*. Rio de Janeiro, n. 85, Setembro de 1927. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/107468/11487>. Acesso em: 26 jul. 2021.

como Theodoro Braga, foi lembrada e recontada por outros autores que tentaram estabelecer um marco inicial para o produto que representava uma das grandes riquezas econômicas no país.

Em 1905, após um período de aperfeiçoamento artístico realizado na Europa, Theodoro Braga retornou ao Brasil e passou a reivindicar uma identidade genuinamente brasileira no campo das artes e da indústria brasileira. Para tanto, explorou aspectos característicos da flora e fauna e do folclore nacionais. Diante das coleções arqueológicas e dos objetos etnográficos do Museu Paraense Emílio Goeldi, encantou-se com a diversidade daquelas ornamentações bidimensionais e seus padrões geométricos complexos, recursos potencialmente aproveitáveis pelo campo mecanizado das artes decorativas. Passou a executar maravilhosas pranchas coloridas com esses temas e a divulgar o uso da decoração arqueológica por meio da imprensa e conferências. Em 1915, encontramos o artista apreciando e analisando as coleções do museu, segundo ele, uma fonte de inspiração para a “decoração de uma infinidade de objetos de uso comum e de luxo”⁸. As peças que mais encantavam Braga eram aquelas da cultura Marajoara que, pela diversidade de padrões, atraíram também o interesse de outros artistas brasileiros e estrangeiros. A versatilidade da ornamentação arqueológica facilitava seu uso, seja em sequências completas ou na combinação de módulos ornamentais diversos, inclusive extraídos de peças diferentes. Assim, seguiu-se o uso da ornamentação arqueológica em diversos campos artísticos, tornando-se uma expressão estética que introduzia a ilusão de se estar diante de ornamentos extraídos de fontes autênticas da arqueologia brasileira. Eis a característica do movimento que tem sido chamado de Neomarajoara, a criação de um estilo ornamental que tentou forjar um novo horizonte cultural por meio das várias disciplinas artísticas.

Em 1927, o revivalismo da cerâmica arqueológica brasileira, já se encontrava difundido no Rio de Janeiro e em São Paulo, mantendo-se constante até a década de 1940. Artistas como Theodoro Braga e Fernando Correia Dias praticavam o uso dos padrões da cerâmica marajoara havia muitos anos e já gozavam de reconhecimento por parte da crítica. Sabemos que, para reanimarem a arte dos antigos habitantes brasileiros, os artistas tinham à disposição duas fontes de pesquisa, os artefatos depositados em coleções públicas ou privadas e as publicações ilustradas sobre a arqueologia brasileira. Das publicações, uma parece ter exercido maior relevância nesse processo, trata-se do Volume VI dos *Arquivos do Museu Nacional*⁹, publicado em 1885. Dedicado à Exposição Antropológica Brasileira realizada no

⁸ BRAGA, Theodoro, A arte Brasília através da Cerâmica da Ilha de Marajó, *Anuário de Belém: em comemoração ao seu Tricentenário, 1616-1916*, p. 135-136, 1915. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/annuario-de-belem-em-commemoracao-do-seu-tricentenario-1616-1916>. Acesso em: 15 ago. 2021.

⁹ *Arquivos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, Typ. E Lith. Economica, v. 6, 1885. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/87049#page/8/mode/zup>. Acesso em: 28 jul. 2021. Volume consagrado à *Exposição Antropológica Brasileira*, realizada no Museu Nacional em 29 de julho de 1882.

Museu Nacional em 1882, esse volume contém o texto de Ladislau Netto “Investigações sobre a Arqueologia Brasileira”, amplamente ilustrado por centenas de ilustrações arqueológicas que poderiam ser facilmente consultadas pelos artistas.

Vejamos uma das vinhetas realizadas por Theodoro Braga para a edição especial do *O Jornal* [Figura 4]. O artista paraense realizou uma cercadura que envolve o texto de Affonso de Taunay intitulado “Os Teixeira Leite: uma irmandade de grandes cafestistas e civilizadores”. Ao centro da página, emerge um desenho de Marques Júnior, trata-se do retrato do Barão de Vassouras, chefe da família Teixeira Leite e avô de Affonso de Taunay. O ornamento que circunda o artigo é composto por meandros, grãos de café e duas “máscaras”, uma acima e outra abaixo da página. A sequência ornamental foi inspirada em uma cerâmica da tradição Marajoara, trata-se do *Vaso* nº 8338 da coleção do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro [Figura 3], um vaso globular dividido em duas zonas distintas de decoração cromática em vermelho e preto sobre engobo branco. Theodoro Braga emprestou a sequência gráfica do gargalo, utilizando o meandro em repetição e aplicando as “máscaras” em suas duas posições características, presentes na peça original. Esta composição só poderia ter sido realizada por um artista que conhecesse pessoalmente o vaso globular marajoara, tornando-o capaz de extrair as duas figurações, algo impossível para aquele que consultasse apenas o desenho da peça [Figura 4], presente nos *Arquivos do Museu Nacional* (1885), como comprovadamente fez o artista Carlos Hadler, em torno de 1940¹⁰. Nesse desenho é possível visualizar apenas uma dessas figurações.

A sequência ornamental utilizada por Theodoro Braga, também foi estudada por Fernando Correia Dias, artista português que desenvolveu um trabalho ímpar no design de livros no Brasil, a partir de 1914, quando resolveu fixar residência no Rio de Janeiro. Correia Dias estudou novas combinações e aplicações dos módulos da dessa sequência ornamental¹¹, algumas soluções se encontram em capas de partituras que realizou, como aquela para a obra *A Sombra Suave* (1929), de Lorenzo Fernández. Diante da qualidade da produção ornamental de Correia Dias, seja nos desenhos ou nas cerâmicas que realizou, fica evidente que manteve contato direto com as peças arqueológicas. Porém, sabemos que ele também consultou as ilustrações presentes nas “Investigações sobre a Arqueologia Brasileira”. Em 1919, o artista buscou nesse artigo um motivo gráfico extraído de uma inscrição gravada em pedra no vale do Rio Negro, para a criação de um padrão a ser aplicado em tecidos, papéis ou ladrilhos [Figura 5]. A proposição de

¹⁰ GODOY, Patrícia Bueno. O desenho ornamental brasileiro e a arqueologia: entre a cópia, a adaptação e a reinterpretação. *Encontro de História da Arte*. Arte em confronto: embates no campo da história da arte (13: 2018, Campinas, SP). p. 701-709. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2018/eha2018completo.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

¹¹ SOUSA, Osvaldo Macedo de. **Fernando Correia Dias**: um poeta do traço. Rio de Janeiro: Batel, 2013.

Correia Dias a partir de um “motivo índio”, foi integrada ao texto “O nacionalismo na arte”, autoria de Vieira da Cunha¹².

Retornando às vinhetas, assim como Theodoro Braga, Correia Dias também apreciava o uso de motivos figurativos derivados da cerâmica marajoara. A vinheta para a capa da Quarta Seção da edição comemorativa [Figura 6] traz, além dos meandros e outros elementos gráficos, a aplicação repetida da figura de um “rosto”, semelhante a tantos outros documentados por Ladislau Netto como “caras gravadas da louça de Marajó” [Figura 7].

Nessa pequena seleção de vinhetas é possível observar que Theodoro Braga e Correia Dias mantinham uma produção gráfica coerente e alinhada às características gráficas próprias da cerâmica arqueológica. Muitos artistas seguiram essa proposição inicial, outros, associaram ao conceito uma certa fantasia, criticada por Manuel Pastana em depoimento a Tapajós Gomes¹³:

Seria louvável – disse-me, então, Pastana – essa atitude, si a maioria não deturpasse a campanha iniciada desvirtuando-lhe o sentido. Infelizmente, nem todos se limitam a reproduzir, em barro ou metal, a obra do índio desaparecido. Ao contrário, permitem-se tais excessos de fantasia, que a obra perde completamente o seu caráter original. [...] a arte dos nossos índios é torturada!”

Talvez, podemos considerar que o nosso terceiro artista tenha sido exatamente essa mente repleta de fantasias, criticada por Pastana. As vinhetas realizadas por Raymundo Porciúncula de Moraes destacam-se pela presença de ornamentos geométricos e pequenas composições estilizadas cheias de imaginação. Embora pretendam manter uma associação com o universo indígena, é possível constatar que há uma distância considerável entre suas criações e a ornamentação arqueológica. Na vinheta para o texto de Carlos Conceição, “Decadência dos cafezais e suas causas”¹⁴ [Figura 8], um friso geométrico na porção inferior da página é ladeado por duas máscaras. Acima, encontram-se ramadas de cafeeiro estilizadas, fora e dentro de uma moldura a contornar um desenho de Henrique Cavalleiro, uma vista parcial das ruínas de Porto das Caixas. A liberdade com que o artista trata suas composições ornamentais distancia-se consideravelmente daquelas realizadas pelo artista por Theodoro Braga e Correia Dias, nem o friso geométrico ou as máscaras têm conexão direta com o repertório ornamental marajoara.

¹² VIEIRA DA CUNHA. O Nacionalismo na Arte. **Revista Nacional**. Rio de Janeiro, 1919. p. 25-26. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/331600/146>. Acesso em: 28 jul. 2021.

¹³ GOMES, Tapajós. Marajó principal fonte de documentação: a palavra de Manuel Pastana. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 31 maio 1942. p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/12210. Acesso em:

¹⁴ UMA Grandeza Extinta. **O Jornal**: Edição Comemorativa do bicentenário do café. Rio de Janeiro, 15 out. 1927. Quarta Seção, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_02/34405. Acesso em:

Porciúncula de Moraes foi um artista maranhense, pintor, ilustrador, desenhista e aquarelista que estudou e trabalhou no Rio de Janeiro. Aos 19 anos foi considerado um talentoso cenógrafo na capital São Luiz¹⁵, em 1920, encontrava-se no Rio de Janeiro onde foi nomeado ajudante de desenhista pelo Instituto Oswaldo Cruz¹⁶. Subvencionado pelo governo do seu estado¹⁷, pode frequentar a Escola de Belas Artes¹⁸ e estudar com Henrique Bernardelli. Além das vinhetas para a edição especial, realizou também algumas ilustrações de paisagens fluminenses, baseadas em estampas de Rugendas e Benedito Calixto. Sua presença na publicação do *O Jornal* pode ser justificada pela atividade desempenhada como ilustrador de obras literárias e sua ligação com uma instituição científica, como o Instituto Oswaldo Cruz.

À época da preparação da *Edição Comemorativa do Bicentenário do Café*, estava evidente que a publicação desejava ser um veículo divulgador de conhecimento, arte, história e ciência. Assis Chateaubriand considerava que a publicação poderia servir ao país como um “fator de educação social e artística”¹⁹. E a educação pode acontecer pela palavra escrita, mas também pela imagem, ou melhor, pelo desenho científico.

Um tema de grande importância foi tratado nos eventos dedicados ao bicentenário do cafeeiro, a infestação dos cafezais pela praga da broca-do-café (*Hypothenemus hampei*). Primeiramente relatada no estado de São Paulo, criou-se em 1924, a Comissão de Estudo e Debelação da Praga Cafeeira. Por iniciativa do governo paulista foram convocados a participarem da comissão, Costa Lima, Navarro de Andrade e Arthur Neiva, este último, responsável por chefiar a comissão que deveria identificar e estudar os meios de combate da praga. Em 1927, os trabalhos para o controle da broca-do-café ainda estavam em curso, mas a preocupação ainda se manifestava. Um artigo do médico Arthur Neiva sobre a broca-do-café no estado de São Paulo foi publicado na edição especial²⁰. O texto foi inserido dentro de uma curiosa moldura contendo ramadas de cafeeiro, contornadas internamente por larvas e insetos da temida praga [Figura 9]. Realizada por Manoel de Castro Silva, a composição combinou habilmente o desenho científico com os motivos estilizados. Uma ilustração para um tema tão amedrontador poderia correr o risco de parecer repulsiva ou de mau gosto, não fosse o largo sentido decorativo aplicado por seu autor.

¹⁵ J. L. da Silva. Raimundo Porciúncula de Moraes. *Diário do Maranhão*, São Luiz, 6 maio 1911, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/720011/44298>. Acesso em: 27 ago. 2021.

¹⁶ O Governo da República e o Governo da Cidade. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 21 jan. 1920, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_02/272. Acesso em: 27 ago. 2021.

¹⁷ MENSAGEM apresentada ao Congresso, pelo Exmo. Sr. Dr. Godofredo Mendes Vianna, Presidente do Estado [MA]. Consultadas as edições de 5 de fevereiro de 1924, p. 68, e 5 de fevereiro de 1926, p. 29. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/873039/3501>. Acesso em: 27 ago. 2021.

¹⁸ EXPOSIÇÃO de Pintura. *Diário de São Luiz*, MA, 27 maio 1921, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093874/756>. Acesso em: 27 ago. 2021.

¹⁹ CHATEAUBRIAND, Assis. A edição do café d'O *Jornal*. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1927, p. 2.

²⁰ NEIVA, Arthur. A Broca do café em S. Paulo. *O Jornal*: Edição Comemorativa do bicentenário do café. Rio de Janeiro, 15 out. 1927. Primeira Seção, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_02/34357. Acesso em:

A moldura se desenvolve a partir de uma base composta por linhas orgânicas, bem no clima *Art Nouveau*. A referência à arte dos povos originários se encontra apenas na fina moldura abstrata que contorna toda a composição figurativa, em motivos triangulares preenchidos por linhas horizontais, verticais e oblíquas, padrão que foi repetido em outras vinhetas do artista.

Insetos e larvas da broca-do-café só poderiam ter sido realizados por um artista que mantinha uma afinidade com o meio científico. Manoel de Castro Silva foi o primeiro desenhista do Instituto de Manguinhos. Entre 1906 e 1934, executou ampla produção de ilustrações científicas, muitas das quais foram incorporadas por pesquisadores em artigos e livros científicos²¹. Castro Silva conhecia o médico Arthur Neiva de longa data, já que ambos ingressaram no Instituto de Manguinhos em 1906²². Certamente, sua vinheta estava alinhada aos esforços para transmitir a informação sobre a praga aos produtores rurais que, por meio da imagem, seriam capazes de identificar o inseto tão temido.

A presente pesquisa pretendeu dar visibilidade à arte do desenho ornamental moderno e ao revivalismo arqueológico na arte brasileira. As vinhetas da *Edição Comemorativa do Bicentenário do Café*, relatam que o movimento chamado aqui de Neomarajoara, já se encontrava consolidado na produção de Theodoro Braga e Correia Dias, graças ao conhecimento íntimo das coleções arqueológicas e de publicações afins, como o texto de Ladislau Netto, “Investigações sobre a Arqueologia Brasileira” extraído dos *Arquivos do Museu Nacional*. A edição comemorativa foi um veículo de divulgação e popularização de conhecimento, contendo artigos históricos, econômicos e científicos. Familiarizados com o universo científico, dois desenhistas com passagens instituições científicas, como o Instituto de Manguinhos e do Instituto Oswaldo Cruz, levaram para suas vinhetas as características peculiares do seu desenho. A observação dos desenhos de Manoel de Castro Silva e Raymundo Porciúncula Moraes, aguça nossos sentidos e deixa uma vontade de conhecer um pouco mais, já que raramente são mencionados pela historiografia da arte.

Todo o esforço jornalístico dedicado à *Edição Comemorativa do Bicentenário do Café* foi recompensado pela aclamação proveniente de vários órgãos da imprensa nacional. O relevante conteúdo e expressiva apresentação gráfica e artística, certamente auxiliou na divulgação de informações confiáveis. Fica evidente que Assis Chateaubriand estava interessado em colaborar com o amplo serviço de divulgação científica, traçado pela Comissão de Estudo e Debelação da Praga Cafeeira. A presença de artistas consagrados e a apresentação moderna da edição comemorativa tornavam a

²¹ Nos anos de 1909 e 1910, Castro Silva já tinha executado numerosas ilustrações para o primeiro número das *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*. OLIVEIRA, Ricardo Lourenço de; CONDURU, Roberto. Nas frestas entre a ciência e a arte: uma série de ilustrações de barbeiros do Instituto Oswaldo Cruz. Vol. **Análise** História, ciência, saúde, Manguinhos 11 (2) · Ago 2004. p. 335- Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/VdzzmWGVpQh9skbK6WgvTRF/abstract/?lang=pt> Acesso em 21 out. 2021.

²² FIOCRUZ. Disponível em: <http://arch.coc.fiocruz.br/index.php/manuel-de-castro-silva> Acesso: 28 out. 2021.

leitura muito mais atrativa. Das 192 páginas da edição, pouco mais de 60 foram ornamentadas pelo “estilo marajoara”, naquele momento, um movimento já bastante coeso. Há se pensar, ainda, o quanto a edição também funcionou como um veículo de popularização e consolidação do movimento Neomarajoara. Ampliado na década de 1930, contou com uma adesão de muitos artistas, todos inspirados pelo revivalismo dos tempos longínquos, de um Brasil idealizado, em um tempo sem tempo.



Figura 1:

Eliseu Visconti, **Capa.**

O Jornal — Edição Comemorativa do Bicentenário do Café

Fonte: <https://eliseuvisconti.com.br/obra/d861>



Figura 2:
Theodoro Braga
Vinheta, Capa da Sétima Seção
O Jornal – Edição Comemorativa do Bicentenário do Café.



Figura 3:
Vaso, Coleção Amazônia
Cerâmica policromada, s.d.
Altura 45 cm, largura 56 cm
Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro
Fotografia da autora

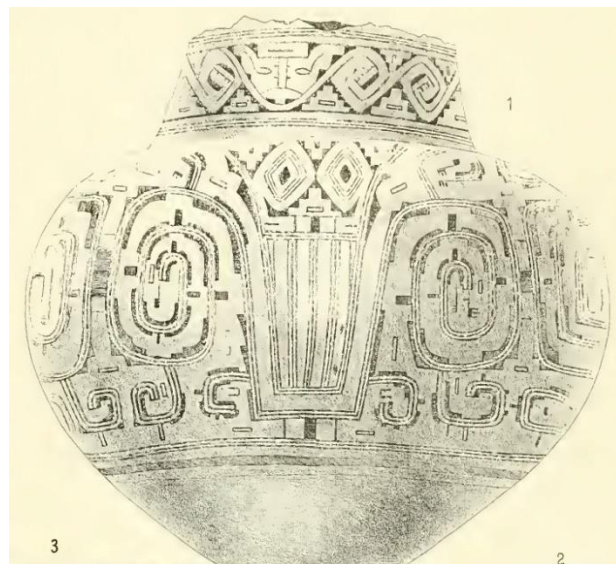


Figura 4:
Urna Marajoara
Arquivos do Museu Nacional, Volume VI, 1885

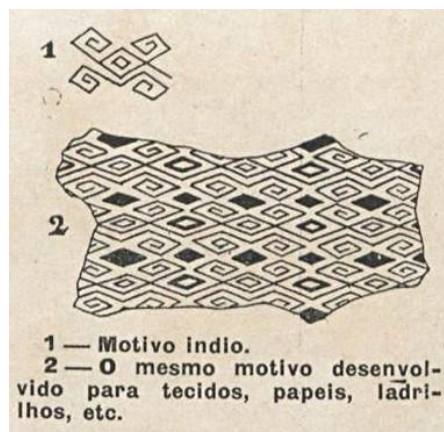


Figura 5:
Fernando Correia Dias,
Ilustração para o artigo
“O Nacionalismo na Arte”, 1919.

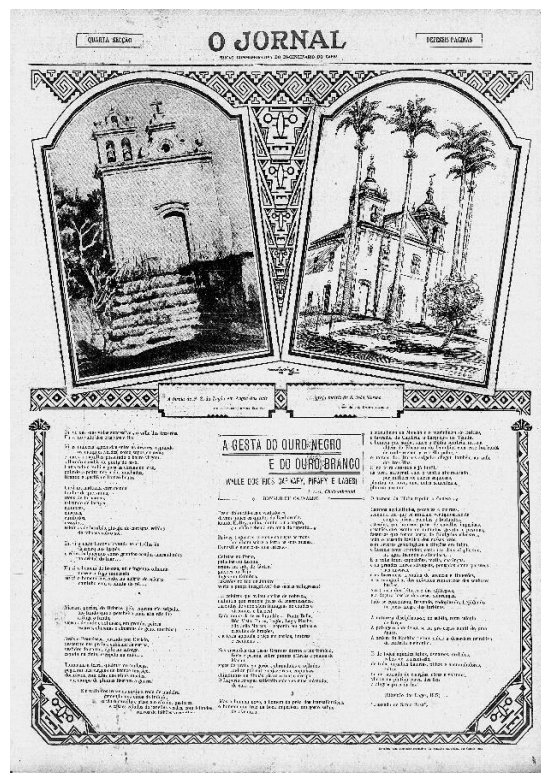


Figura 6:
Fernando Correia Dias, **Vinheta**,
Capa da Quarta Seção O Jornal –
Edição Comemorativa do Bicentenário
do Café

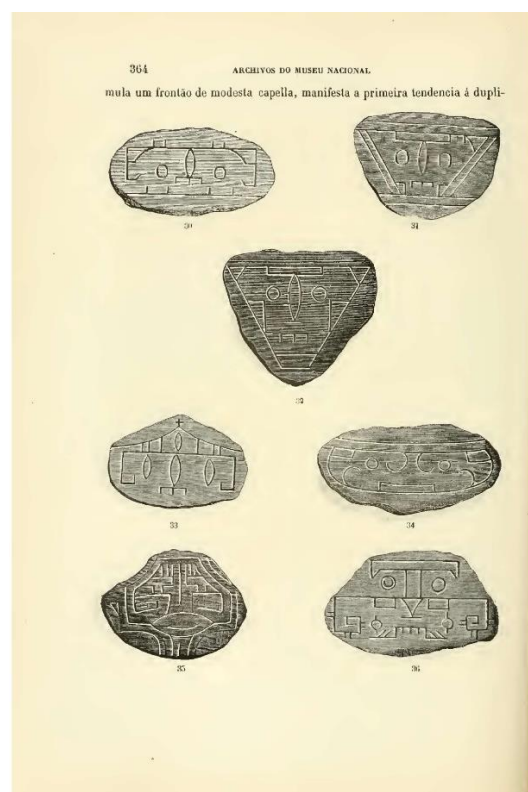


Figura 7:
Caras gravadas da louça de Marajó
Arquivos do Museu Nacional, Volume VI, 1885,
p. 364.



Figura 8:
Raymundo Porciúncula de Moraes, **Vinheta**,
Quarta Seção, p. 7. O Jornal – Edição Comemorativa
do Bicentenário do Café.



Figura 9:
Manoel de Castro Silva
Vinheta, Primeira Seção, p. 7.
O Jornal – Edição Comemorativa do Bicentenário do Café

Referências bibliográficas

ARQUIVOS do Museu Nacional. Rio de Janeiro, Typ. E Lith. Economica, v. 6, 1885. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/87049#page/8/mode/zup>. Acesso em: 28 jul. 2021.

BRAGA, Theodoro, A arte Brasílica através da Cerâmica da Ilha de Marajó. **Anuário de Belém: em comemoração ao seu Tricentenário**, 1616-1916, p. 135–136, 1915. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/annuario-de-belem-em-commemoracao-do-seu-tricentenario-1616-1916>. Acesso em: 15 ago. 2021.

BRAGA, Theodoro. Francisco de Mello Palheta. **Ilustração Brasileira**. Rio de Janeiro, n. 85, Setembro de 1927. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/107468/11487>. Acesso em: 26 jul. 2021.

CHATEAUBRIAND, Assis. A edição do café d'O Jornal. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 26 jun. 1927, p. 2.

CHATEAUBRIAND, Assis. O termo de uma jornada. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 15 out. 1927. p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_02/34336. Acesso em: 26 jul. 2021.

EXPOSIÇÃO de Pintura. **Diário de São Luiz**, MA, 27 maio 1921, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093874/756>. Acesso em: 27 ago. 2021.

FIOCRUZ. Disponível em: <http://arch.coc.fiocruz.br/index.php/manuel-de-castro-silva> Acesso: 28 out. 2021.

GODOY, Patrícia Bueno. O desenho ornamental brasileiro e a arqueologia: entre a cópia, a adaptação e a reinterpretação. **Encontro de História da Arte**. Arte em confronto: embates no campo da história da arte (13: 2018, Campinas, SP). p. 701-709. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2018/eha2018completo.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

GOMES, Tapajós. Marajó principal fonte de documentação: a palavra de Manuel Pastana. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 31 maio 1942. p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/12210. Acesso em: 25 ago. 2021.

Ilustração Brasileira. Rio de Janeiro, n. 85, Setembro de 1927. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/107468/11468>. Acesso em: 02 ago. 2021.

J. L. da Silva. Raimundo Porciúncula de Moraes. **Diário do Maranhão**, São Luiz, 6 maio 1911, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/720011/44298>. Acesso em: 27 ago. 2021.

MENSAGEM Apresentada ao Congresso Legislativo. São Paulo, 14 jul. 1928, p. 75-76. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/873489/3211>. Acesso em: 30 jul. 2021.

NEIVA, Arthur. A Broca do café em S. Paulo. **O Jornal: Edição Comemorativa do bicentenário do café**. Rio de Janeiro, 15 out. 1927. Primeira Seção, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_02/34357. Acesso em: 25 jul. 2021.

O Governo da República e o Governo da Cidade. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 21 jan. 1920, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_02/272. Acesso em: 27 ago. 2021.

O Jornal: Edição Comemorativa do Bicentenário do Café. Rio de Janeiro, 15 out. 1927. Doze seções, 184 páginas. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_02/34351. Acesso em: 26 jul. 2021.

OLIVEIRA, Ricardo Lourenço de; CONDURU, Roberto. Nas frestas entre a ciência e a arte: uma série de ilustrações de barbeiros do Instituto Oswaldo Cruz. **Análise: História, ciência, saúde**, Manguinhos 11 (2) ago, 2004, p. 335. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/VdzzmWGVpqH9skbK6WgvTRF/abstract/?lang=pt>. Acesso em 21 out. 2021.

MENSAGEM apresentada ao Congresso, pelo Exmo. Sr. Dr. Godofredo Mendes Vianna, Presidente do Estado [MA]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/873039/3501>. Acesso em: 27 ago. 2021.

PITA, Almir. **Rio de Janeiro, história econômica e imprensa no Bicentenário do Café em 1927.**

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/337801246_RIO_DE_JANEIRO_HISTORIA_ECONOMICA_E_I_MPRENSA_NO_BICENTENARIO_DO_CAFE_EM_1927. Acesso em: 2 ago. 2021.

SOUSA, Osvaldo Macedo de. **Fernando Correia Dias: um poeta do traço.** Rio de Janeiro: Batel, 2013.

MA Grandeza Extinta. **O Jornal: Edição Comemorativa do bicentenário do café.** Rio de Janeiro, 15 out. 1927. Quarta Seção, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_02/34405. Acesso em: 22 jul. 2021.

VIEIRA DA CUNHA. O Nacionalismo na Arte. **Revista Nacional.** Rio de Janeiro, 1919. p. 25-26. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/331600/146>. Acesso em: 28 jul. 2021.